

Dominar o corpo da mulher é violentá-lo: a progressão metafórica no texto “Os 18 vendilhões”, de Eliane Brum

Aline Aver Vanin*

Letícia Presotto**

Gabriele Honscha Gomes***

Ana Rachel Salgado****

Resumo

O discurso veiculado em um espaço como o da coluna de opinião de um periódico de ampla abrangência possibilita que assuntos da atualidade sejam amplamente propagados e também discutidos, fomentando, em grande parte das vezes, a consciência (crítica) da população. É comum, nesse tipo de discurso, nos depararmos com metáforas, que fazem parte não somente da nossa linguagem, mas também do nosso pensamento e das nossas ações, tratando-se de um significado construído no nosso cotidiano, na nossa sociedade e na nossa cultura. Nesse viés, o presente trabalho se propõe a apresentar e discutir a progressão metafórica presente no artigo “Os 18 vendilhões”, da jornalista Eliane Brum, publicado em uma coluna de opinião de um periódico renomado. A partir da análise do texto por meio de ferramentas da Linguística de *Corpus*, elencaram-se expressões linguísticas que direcionaram a uma metáfora que perpassa o texto do início ao fim: os jogos de poder (de gênero/de raça). Juntamente a essa metáfora, três subcategorias, quais sejam política, religião e raça, contribuem para a construção da argumentação da autora sobre o poder estruturalmente construído que os homens ainda têm sobre as mulheres em diferentes cenários.

Palavras-chave: Discurso midiático. Gênero. PEC 181/2015. Metáfora conceitual. Linguística cognitiva.

To dominate the woman’s body is to violate it: the metaphorical progression in the text “The 18 Salesmen”, by Eliane Brum

Abstract

The discourse in a space such as that of the column of opinion of a wide-ranging journal enables daily life issues to be widely propagated and also discussed, often fostering (the critical) awareness of the population. It is common in this type of discourse that we come across metaphors, which are part not only of our language but also of our thoughts and our actions, being a meaning constructed in our daily life and in our culture. The present work proposes to present and discuss the notion of metaphorical progression present in the article “Os 18 vendilhões” [“The 18 salesmen”], by the journalist Eliane Brum, published in an opinion column of a renowned newspaper. From the analysis of the text through the tools of Corpus Linguistics, linguistic expressions have been pointed out that have led to a metaphor that runs through the text from beginning to end: power games (of gender / ethnicity). Along with this metaphor, three subcategories, such as politics, religion, and ethnicity, contribute to the construction of the author’s argument about the structurally constructed power that men still have over women in different settings.

Keywords: Media speech. Gender. PEC 181/2015. Conceptual metaphor. Cognitive linguistics.

Recebido: 28/02/2018

Aceito: 26/06/2018

* Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Doutora em Linguística (PUCRS). Professora Adjunta do Departamento de Educação e Humanidades da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutoranda em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

*** Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

**** Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Doutora em Linguística Aplicada (Unisinos). Professora Adjunta do Departamento de Educação e Humanidades da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

Introdução

A discussão sobre a legalização do aborto no Brasil ganhou destaque em 8 de novembro de 2017, na Comissão Especial destinada a proferir parecer à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 181-A, de 2015,¹ por meio de votação que poderia abrir a possibilidade de alterar o texto original sobre as formas de aborto atualmente permitidas no Código Penal desde 1940.

A mudança teria como objetivo garantir “a dignidade da pessoa humana *desde a concepção*”. A expressão “desde a concepção” foi incluída no inciso III do art. 1º da Constituição, que trata dos princípios fundamentais dos cidadãos, e também no art. 5º, que garante a igualdade de todos perante a lei: “a inviolabilidade do direito à vida *desde a concepção*” (grifos nossos).

Tal alteração no texto constitucional poderia implicar a proibição do aborto até mesmo em casos de estupro, de comprovação de feto com anencefalia ou de gravidez com risco de morte para a mãe — atualmente permitidos. Com isso, a Comissão Especial da Câmara dos Deputados assina um documento que significa a abertura da possibilidade de uma violência simbólica contra a dignidade da mulher que carrega o feto. A proposta, originalmente, previa a ampliação da licença-maternidade para mães de bebês prematuros de 120 para até 240 dias; porém o projeto ganhou a alcunha de “PEC do Cavalo de Troia das Mulheres” por incluir, numa manobra de má-fé e de última hora, a definição de que a vida começa na concepção. Após essa aprovação por votação do texto-base, a proposta é encaminhada para votação no plenário da Câmara e do Senado, e, se o texto for incorporado à Constituição, o aborto não será permitido em nenhum caso. A mulher seria, então, violentada duas vezes: em relação à própria gravidez (não desejada ou de risco para o feto e/ou para si) e pela lei, que não lhe ofereceria amparo.

Apesar de o procedimento ainda ser garantido nos casos supracitados, a proibição ao aborto é criticada por grupos feministas por ferir o direito à autonomia das mulheres e por ser vista, também, como uma questão de saúde pública. Uma legislação restritiva como a que se propõe faz com que mulheres sejam vistas meramente como úteros ambulantes geradores de vidas: a função reprodutiva torna-se mais relevante que a própria dignidade, tendo diminuído o direito das mulheres de decidirem sobre seus próprios corpos. A criminalização do aborto fere princípios e direitos das mulheres, garantidos na Constituição, como dignidade, liberdade e saúde. Se a decisão não pode ser da mulher que carrega o feto, a lei é pró-vida para quem? A quem protege de fato?

Recentemente, o caso Rebeca Mendes da Silva Leite inflamou mais a discussão sobre o tema. A estudante de direito entrou com pedido no Supremo Tribunal Federal (STF), o qual lhe foi negado; ela também entrou com um *habeas corpus* no Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP), alegando não ter condições financeiras e emocionais de cuidar de um terceiro filho. Tendo suas solicitações negadas, Rebeca recebeu apoio da rede latino-americana Clacai (Consórcio Latino-Americano Contra o Aborto Inseguro) para interromper a gravidez na Colômbia. Nesse país, o aborto é permitido quando a gravidez coloca em perigo a saúde física ou mental da mulher, é resultado de estupro ou incesto e em caso de malformações do feto incompatíveis com a vida fora do útero.

Na América Latina, segundo a ONU, milhares de mulheres abortam clandestinamente todo o ano, o que torna a prática a maior causa de mortalidade feminina: são 67 mortes para cada 100.000 nascidos vivos (Comissão Econômica para América Latina e Caribe/Cepal²). Não há números oficiais para a prática: estima-se que, em países como Brasil, Chile, Argentina e Colômbia, são quase dois milhões de abortos por ano.

1 Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2075449>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

2 Dados disponíveis em: <https://nacoesunidas.org/agencia/cepal/>. Acesso em: 13 fev. 2018.

Em diversos países, a descriminalização do aborto já foi discutida e aprovada: de acordo com Lara e outros (2016), em 1975, o Legislativo da França aprovou a Lei Veil, descriminalizando a prática; na Suécia, há mais de 40 anos, reconhece-se o direito das mulheres de interromper a gravidez; a antiga União Soviética reconheceu esse direito na década de 1920; Portugal, em 2007, e o Uruguai, em 2008. Enquanto isso, no Brasil, observa-se uma persistência em diminuir os direitos da população. Para as mulheres, o direito de decidir sobre seus próprios corpos poderá ser ainda mais estreitado.

Apesar de essa discussão ter sido reacendida, o tema ainda precisa de aprofundamento. Argumentos antagônicos, como pró-vida/contra o aborto, ou superficiais, como “só defende o aborto porque não foi abortado”, permeiam rodas de conversa e chegam até o Congresso Nacional. A argumentação parece ignorar a produção acadêmica e até mesmo a jurisprudência dos países que já discorreram juridicamente sobre a questão. Foi por esse viés que 18 deputados homens votaram pela aprovação dessa PEC em agosto de 2017, contra um voto de uma deputada mulher. Tal evento é simbólico: ao final da sessão, os deputados que votaram a favor riem e aplaudem com ênfase uma vitória do patriarcado, como se seguissem uma lógica dicotômica do eles *versus* elas, ressaltando que o que fazem é mostrar o poder sobre corpos que podem gerar, mas que nunca devem decidir sobre si.

Em seu artigo no periódico **El País** do dia 20/11/2017,³ a jornalista Eliane Brum discorre acerca desse fato, ressaltando os jogos de poder relacionados a questões de gênero e de raça que estão implicados em um ato político como esse. O formato do gênero discursivo “coluna de opinião” permite liberdade de expressão do ponto de vista da autora ou do autor; nesse sentido, o fio condutor eleito pela autora é o de uma crítica a esses jogos de poder, que ficam evidentes a partir das escolhas lexicais, as quais serão foco de análise neste texto. Por vezes, os vocábulos denotam metáforas conceituais que emergem discursivamente, denunciando a perspectiva da autora e alinhando-a com as possibilidades abertas por tal gênero discursivo. Cabe, também, ressaltar que a ocorrência de uma categoria metafórica central e os desdobramentos em subcategorias (política, religião e raça), que estão interligadas, permitem estabelecer uma linha de raciocínio que tornam o texto coerente do início ao fim.

Dadas essas considerações, o texto que se segue se desdobra nos seguintes pontos: na Seção 1, trataremos brevemente das noções de violência de gênero e de cultura do estupro; na Seção 2, explicitaremos a concepção teórica que é adotada para a análise da coluna de opinião; a Seção 3 descreve a metodologia adotada; a Seção 4 trata da análise propriamente dita; e, finalmente, a última Seção aborda as considerações sobre a reflexão aqui empreendida.

1 A persistência em dominar: uma questão de gênero

As relações de gênero abordadas no texto de Eliane Brum implicam um entendimento de relações assimétricas e políticas, nas quais o jogo de poder tem um papel relevante. O que é entendido por gênero feminino e masculino é resultado do processo de construção social a partir de uma cultura específica, construída e sustentada por um processo histórico e por um processo de naturalização de questões uma vez determinadas por um grupo de pessoas no poder, em grande parte, masculino. A construção do que é entendido por gênero masculino e sexualidade masculina surge com ideias de que o masculino é visto como sujeito (ativo) da sexualidade, e o feminino, como seu objeto (passivo) (MINAYO, 2005). Características como instintos incontrolláveis, agressividade e violência são comumente relacionadas ao comportamento “natural” masculino. No entanto, tal concepção é construída social e culturalmente, de forma a buscar uma diferenciação naquilo que é dito feminino ou masculino e reforçar uma suposta superioridade do homem sobre a mulher.

³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/20/opinion/1511192636_952720.html. Acesso em: 12 fev. 2018.

Nesse sentido, para Bourdieu (2014), comportamentos e formas de pensar acabam aparecendo como produto da dominação de um gênero sobre outro. O autor traz a naturalização da divisão entre os sexos como exemplo de compreensão social proveniente de relações dominantes e agindo como formadora de sistemas de percepção, pensamento e ação. A forma como um indivíduo percebe o mundo no qual se insere é, portanto, resultado de uma cultura existente, construída historicamente e mantida por um grupo dominante, que acaba sendo sentida como natural.

A permanência de um padrão relacional no qual mulheres são violentadas é uma consequência de uma cultura de estupro existente na sociedade atual. Lara e outros (2016) definem a cultura de estupro como uma forma de violência simbólica, que permite a justificação, tolerância ou o estímulo ao estupro. É sustentada por violências sutis, naturalizadas e reproduzidas no senso e no discurso comuns, como o uso da linguagem misógina, objetificação do corpo da mulher e glamourização da violência sexual (SOLNIT, 2017). Bourdieu define violência simbólica como [...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2014, p. 12).

Uma relação sexual, para Bourdieu (2014), dá-se com uma relação de dominação. Existe uma assimetria na forma como o sexo feminino e o sexo masculino são representados na sociedade. Possuir sexualmente, como explica o autor, é a submissão ao poder masculino. A violência (seja ela física ou simbólica) é um comportamento autoritário, em que o agente violento sente-se no direito de controlar, de variadas formas, a vítima (SOLNIT, 2017).

A violência simbólica, seja ela de gênero ou contra grupos étnicos específicos, também pode ser amplamente expressa por meio da linguagem. Em alguns casos, é possível perceber essa violência simbólica de forma mais direta, disfarçada no discurso de humor, como nas piadas e “memes” de caráter sexista/homofóbico/racista. Em outros casos, ela se dá de forma mais sutil, por meio do uso de metáforas.

No texto “Os 18 vendilhões”, a ser analisado mais adiante, Eliane Brum utiliza expressões linguísticas que remontam a metáforas conceituais, isto é, metáforas que emergem como indícios da elaboração cognitiva. Pode-se afirmar que, pelo efeito gerado por suas escolhas lexicais, a autora pretende denunciar o teor violento por trás da aprovação da PEC 181/2015, usando um vocabulário que se constitui a partir de uma categoria de linguagem de violência.

A seguir, passaremos à explanação da arquitetura teórica que permeia a análise da coluna de opinião.

2 Linguagem como expressão dos modos de pensar a sociedade

A metáfora, de acordo com Lakoff e Johnson (1980), é entendida como um fenômeno do pensamento, tendo em vista que se trata de uma analogia entre conceitos que emerge a partir da experiência. A metáfora não é, portanto, uma figura de linguagem, como estabelecida desde Aristóteles, mas é fruto das vivências do cotidiano. Assim, se um conceito como VIOLÊNCIA associa-se com DOMINAÇÃO, como em DOMINAR (O CORPO FEMININO) É VIOLENTAR (VIOLENTÁ-LO), trata-se de um significado que foi construído no cotidiano, em pensamentos e ações (inclusive, em atos de fala) e que emerge no contexto de interação discursiva. Nesse sentido é que se preconiza que o sistema conceitual humano é fundamentalmente metafórico por natureza. Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é abundante na linguagem do dia a dia, uma vez que as pessoas pensam de forma metafórica, mas sem ter consciência da natureza metafórica do próprio pensamento. Pode-se dizer, então, que “a metáfora deixou de ser uma figura de linguagem para ser um processo estruturador do

pensamento” (BERBER SARDINHA, 2007, p. 169).

A Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) (LAKOFF; JOHNSON, 1980) pressupõe que a metáfora é compreendida por meio do mapeamento entre conceitos abstratos em relação a conceitos mais concretos. Essa sistematização de conceitos ocorre a partir de dois domínios: o domínio-fonte, que se caracteriza por ser mais concreto e experiencial; e o domínio-alvo, que é de natureza abstrata. Um domínio conceitual é uma organização coerente da experiência, isto é, as pessoas têm um conhecimento logicamente organizado sobre um domínio, no qual se baseiam para entender outro domínio (KÖVECSES, 2002). Assim, a metáfora conceitual é uma forma de conceitualizar um domínio de experiência, geralmente abstrato, por meio de um domínio mais concreto (GIBBS, 2008; KÖVECSES, 2002; LAKOFF; JOHNSON, 1980): APROVAR A PEC 181/2015 É VIOLENTAR AS MULHERES BRASILEIRAS. Lakoff e Turner (1989) ainda afirmam que os domínios conceituais são representações mentais ricas, visto serem partes do nosso conhecimento de mundo que se relacionam com fenômenos ou experiências particulares, podendo englobar relações e padrões de inferências.

As metáforas estabelecidas em nossa experiência diária são ditas convencionais (LAKOFF; TURNER, 1989), isto é, são utilizadas automaticamente e sem esforço. Um exemplo de metáfora conceitual é DIREITO É LUTA/GUERRA, como pode ser expressa através de metáforas linguísticas, como “ganhar/perder direitos”. É interessante esclarecer, aqui, que o mapeamento de metáforas é uma série de correspondências sistemáticas entre o domínio-fonte e o alvo, no sentido de que elementos conceituais do domínio-fonte correspondem a elementos do domínio-alvo (KÖVECSES, 2002; LAKOFF; JOHNSON, 1980). Do mesmo modo, Kövecses (2002) reitera a posição de Lakoff e Turner (1980) a respeito da convencionalidade de uma metáfora, pois afirma que tanto as metáforas linguísticas quanto as conceituais são convencionais quando estão fortemente estabelecidas em uma comunidade linguística. Além disso, Kövecses (2002) ainda salienta que metáforas criativas ou novas, elaboradas a partir de metáforas convencionais, não se restringem apenas a textos de teor poético, mas podem emergir na linguagem cotidiana.

Um dos elementos essenciais na elaboração de metáforas é a própria cultura em que se inserem. Berber Sardinha (2007) postula que é possível perceber o quanto elas estão relacionadas ao cotidiano do ser humano e à sua cultura: “[...] vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura; praticamente não temos escolha: se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo, etc., precisamos seguir as metáforas que a nossa cultura nos coloca à disposição”. (BERBER SARDINHA, 2007, p. 170).

O autor ainda afirma que as metáforas conceituais são relativas a uma dada cultura e resultantes de mapeamentos relevantes para certas civilizações ou ideologias. Kövecses (2005, p. 1) entende a “cultura como sendo um conjunto de compreensões compartilhadas que caracterizam comunidades maiores ou menores”. Segundo o autor, essa definição não é exaustiva, mas inclui entidades intangíveis, como o tempo, processos mentais, emoções, qualidades abstratas, valores morais, além de instituições sociais e políticas. Nessa direção, Gibbs (1994) propõe a noção de modelos culturais, que são esquemas culturais compartilhados e intersubjetivos que funcionam na interpretação da experiência e que guiam as ações em uma gama variada de domínios, incluindo eventos, instituições, objetos físicos e mentais. Ainda, Gibbs (1994) afirma que teorias sobre sistemas conceituais humanos deveriam ser culturais em essência, pois não é possível aceitar que a mente, o corpo e modelos culturais operem de forma independente.

Sobre esse aspecto, Lakoff e Johnson (1980) atribuem grande parte da sistematicidade que se expressa no sentido metafórico como um reflexo das experiências culturais pelas quais se representa a realidade. Nesse sentido, uma metáfora utilizada em dada língua por uma comunidade específica de indivíduos seria uma manifestação da competência e representação de uma realidade que está invariavelmente impregnada de valores culturais. Para os autores, as metáforas estão presentes na

vida cotidiana com base na experiência, por isso utilizam o termo “experencialismo” para tratar da construção da realidade como algo que é incorporado à percepção humana.

De acordo com Steen e Gibbs (1999), na Linguística Cognitiva, a relação entre linguagem e pensamento é a ideia de que a metáfora precisa de uma base, a qual não reside na linguagem como um sistema abstrato de símbolos e regras. Em vez disso, a metáfora é uma parte significativa de sistemas conceituais do cotidiano das pessoas, e tal fato pode ser relacionado com a cultura. Segundo Siqueira e outros (2009), o modo como estruturamos nosso pensamento e conhecimento não se organiza de uma forma muito evidente, e um meio de estudarmos isso é através da linguagem, visto que uma das evidências de como nosso sistema conceitual se estrutura é dada pelo uso de metáforas na linguagem do dia a dia. Isso implica o fato de a cultura estar envolvida nesse processo, já que pensamos e conceituamos metaforicamente no nosso cotidiano. Assim, esse é um dos motivos pelo qual as metáforas são compreendidas de forma diferente em algumas culturas.

No artigo de opinião analisado, veremos que as metáforas conceituais que nele emergem “co-ocorrem” dentro de uma categoria conceitual que perpassa o texto como um todo: a das relações de poder (de gênero e de raça). A partir disso, Eliane Brum, ao expressar sua opinião sobre a aprovação do texto-base da PEC 181/2015, constrói metáforas como DOMINAR O CORPO FEMININO É VIOLENTÁ-LO, as quais estão organizadas coerentemente e de forma progressiva. A emergência de metáforas como essa e a rápida apreensão delas pelo leitor ou pela leitora sugerem que elas fazem parte do esquema conceitual que envolve elementos típicos da cultura brasileira.

Na seção seguinte, exporemos a organização metodológica da análise do referido artigo.

3 Metodologia

Como já anunciado na introdução deste texto, trataremos de analisar o artigo de opinião “Os 18 vendilhões”, veiculado em um jornal de ampla divulgação. A autora, a jornalista Eliane Brum, discorre sobre a problemática da votação da PEC 181/2015, em que 18 deputados, todos homens, votaram uma alteração no texto constitucional que se supõe pró-vida do feto, mas que vai contra a dignidade e os direitos humanos das mulheres. Observa-se que a autora utiliza-se de vocábulos que remetem a expressões de violência, como “perverso”, “arrebetada”, “violentada”, “enfiar”, “tortura”, perfazendo um caminho de *progressão metafórica*, em que os elementos metafóricos emergentes constituem o fio condutor do texto. Ao utilizar itens lexicais que fazem parte de uma mesma categoria conceitual, a autora escolhe enfatizar o tipo de violência simbólica a que, mais uma vez, as mulheres serão submetidas se essa lei for aprovada de fato. Além disso, observa-se a elaboração de, pelo menos, três domínios conceituais que formam categorias de experiência que estão ligadas a aspectos da cultura brasileira. Tais traços poderiam enfatizar a aproximação do leitor pelo reconhecimento de tais elementos; ou, ainda, estariam tão arraigados à experiência da autora que eles fluem naturalmente em sua escrita. Cabe salientar que nenhum texto é inocente; as escolhas lexicais sugerem uma consciência da brutalidade desse fato. O gênero discursivo ao qual se vincula o texto analisado — artigo de opinião, publicado em um jornal de grande circulação — permite uma amplitude e uma liberdade de expressão por parte da autora para expor suas ideias/críticas com relação ao tema tratado.

Para realizar o mapeamento das possíveis metáforas conceituais presentes no texto “Os 18 vendilhões”, utilizamos metodologias e ferramentas da Linguística de *Corpus*. O texto foi processado no AntConc 3.2.2 (ANTHONY, 2011),⁴ com o objetivo de gerar uma lista de palavras (ferramenta

4 O AntConc 3.2.2 é um concordanciador de *software* livre, disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>.

Word List). Para a geração dessa lista, utilizamos uma *stop list*⁵ — lista de palavras gramaticais de alta ocorrência —, a fim de reduzir o ruído na lista final.

Após a análise manual da lista gerada pelo AntConc, chegamos a unidades lexicais que poderiam funcionar como elementos centrais de potenciais metáforas. Para fins de posterior levantamento, utilizando as ferramentas Concordance e Cluster,⁶ também presentes no *software* AntConc, optamos por lematizar⁷ a lista. Surgem, então, vocábulos como “sacanagem”, “malandragem”, “goz*”, “lut*”, “conden*”, “moeda”, etc., os quais serão detalhados na seção de análise.

A partir desse mapeamento, foi possível chegar a uma grande metáfora que perpassa todo o texto: a dos jogos de poder (de gênero/de raça). Ao longo do texto, a autora desenvolve essa grande metáfora utilizando-se de três categorias conceituais que surgem em momentos pontuais e que contribuem para a progressão do texto: (1) política; (2) religião; e (3) raça. Cabe ressaltar que tais categorias, apesar de separadas por subtítulos, sobrepõem-se e complementam-se, interseccionalmente.

Dessa forma, em nossa análise, foi possível chegar a dois níveis de identificação de metáforas que emergem do texto: o nível macro (que perpassa o texto todo) e o nível micro (que subdivide a análise em três categorias). A partir dessa divisão, buscamos refletir sobre a progressão metafórica, ou seja, sobre o modo como as metáforas conceituais que surgem durante a leitura se encadeiam de forma a se relacionarem harmoniosa e coerentemente.

4 Análise de “Os 18 vendilhões”

Como já demonstrado na seção anterior, buscou-se, primeiramente, apreender palavras ou expressões que poderiam sugerir a emergência de metáforas conceituais. A partir da lista de palavras que poderiam sugerir metáforas conceituais, pode-se levantar a temática que perpassa o texto como um todo: (1) os jogos de poder de gênero e de raça, em um nível macro, isto é, que são o fio condutor do texto e que, em sua progressão, alinham tematicamente o ponto de vista; e (2), em nível micro, nos domínios da política, da religião e de raça, os quais, apesar de estarem pontuados em três momentos específicos do texto, aparecem sobrepostos discursivamente. Isso significa que as metáforas que surgem, muitas vezes, se justapõem e podem se referir, ao mesmo tempo, aos campos semânticos já mencionados. Isso é um traço do que Kimberlé Crenshaw⁸ chama de “interseccionalidade”, isto é, quando diferentes tipos de discriminação ocorrem e se sobrepõem: a partir da perspectiva dos jogos de poder, não se trata, apenas, de uma questão de discriminação de gênero quando se buscam mecanismos de controle dos corpos das mulheres; quando a isso se soma o fato de a mulher ser negra e pobre, suas chances de conseguir realizar um aborto de forma legal e, principalmente, segura, reduzem-se drasticamente — ainda mais quando se busca esse controle em nome da lei e de um deus.

A necessidade de apontar esses jogos de poder emerge discursivamente por meio da escolha de palavras: denota-se não só a violência que os perpassa, mas também a intensidade dessa violência. A autora adota termos como “enfiar” (“Mas enfiaram no texto original do projeto o que tem sido chamado de ‘Cavalo de Troia.’”), “botar uma mão” (“É também um jeito de continuarem a botar

⁵ A *stop list* utilizada está disponível para *download* em: <<http://miningtext.blogspot.com.br/2008/11/listas-de-stopwords-stoplist-portugues.html>>.

⁶ A ferramenta Concordance busca os contextos de ocorrência da palavra que está sendo analisada. A ferramenta Cluster, por sua vez, permite pesquisar as frequências de ocorrência de palavras à direita e/ou à esquerda da palavra analisada, a fim de verificar a formação de diferentes unidades lexicais complexas a partir de um mesmo núcleo.

⁷ A lematização é o processo de deflexionar uma palavra para determinar o seu lema, isto é, sua forma canônica. No caso, não só lematizamos alguns vocábulos, como optamos por usar um asterisco no lugar do sufixo ou prefixo de uma palavra, restando a sua raiz, a fim de que as buscas fossem ampliadas para as palavras em sua forma básica, como “odi-” (representado por odi*), e suas variantes, como “odiar”, “ódio”, “odiadores”.

⁸ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/kimberle-crenshaw-sobre-interseccionalidade-eu-queria-criar-uma-metafora-cotidiana-que-qualquer-pessoa-pudesse-usar/>. Acesso em: 27 fev. 2018.

uma mão violenta sobre o corpo delas, uma prática em vigor no Brasil desde a escravidão.”), “infligir dor” (“[...] contraria homens que gozam com infligir dor às mulheres”) como modos de ressaltar a construção do poder do gênero masculino sobre o feminino, ainda que pela dor. Além disso, termos como “sacanagem”, “malandr*”, “perversão”, “goz*” podem ser interpretados como pertencentes a uma categoria conceitual que pode ser traduzida como DOMÍNIO DOS CORPOS FEMININOS dentro desses jogos de poder por meio da sexualidade. Estes podem ser vistos em exemplos como os que se seguem, cuja metáfora central é DOMINAR O CORPO FEMININO É VIOLENTÁ-LO (SEXUALMENTE):

Quadro 1 - Levantamento de termos e expressões que sugerem a emergência da metáfora “dominar o corpo feminino é violentá-lo” (sexualmente)

Termo (# menções)	Alguns exemplos
sacanagem (8)	<p>“[...] porque tinham sido malandros o suficiente para fazer uma ‘sacanagem’ com as mulheres.” “[...] hoje o Congresso é o melhor lugar para um homem fazer ‘sacanagem’ com as mulheres.” JOGO DE PODER, GÊNERO E POLÍTICA</p>
malandr* (4)	<p>“[...] porque tinham sido ‘malandros’ o suficiente para fazer uma sacanagem com as mulheres.” “Percebam bem a dupla ‘malandragem’ [...]” “[...] como claramente a inclusão é uma ‘malandragem’, porque nada tem a ver com o tema do projeto [...]” “A ‘malandragem’ política foi incluir a inviolabilidade da vida ‘desde a concepção’ [...]” JOGO DE PODER, GÊNERO E POLÍTICA</p>
botar uma mão violenta (1)	<p>“É também um jeito de continuarem a ‘botar uma mão violenta’ sobre o corpo delas.” JOGO DE PODER, GÊNERO E RAÇA</p>
goz* (7)	<p>“Mas ampliar um direito que beneficiaria mulheres nessa posição de mães de prematuros contraria homens que ‘gozam’ com infligir dor às mulheres.” “O que pode ser mais prazeroso do que isso para homens que ‘gozam’ com infligir dor às mulheres?” “Não é totalmente mentira, é justo fazer a ressalva, já que fazem em nome da vida deles, de seus ‘gozos’ e de suas barganhas.” JOGO DE PODER, GÊNERO</p>
pervers* (5)	<p>“Por que os 18 podem ser considerados ‘perversos’.” “Assim, os 18 não fizeram apenas uma sacanagem que os deixou aos risos, palmas e gritos de euforia, eles cometeram simultaneamente um ‘ato de perversão’.” “Tirar o direito de escolha nestes casos é um ‘ato de extrema perversidade’ feito por 18 homens.” “Assim, a ‘perversão’ dos 18 atinge mais fortemente uma parte do Brasil: [...]” JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>
tortur* (5)	<p>“É uma ‘tortura’. Não como força de expressão, mas literalmente uma das piores ‘torturas’ que um ser humano pode sofrer.” “Por que os 18 querem ver as mulheres ‘torturadas’ por meses, dia após dia?” JOGO DE PODER, GÊNERO</p>

Fonte: As autoras.

Essa violência simbólica a que as mulheres seriam submetidas por ocasião de tal inserção no texto da PEC 181/2015 é trazida à luz também por meio de um jogo de oposições: enquanto se “luta” para não se perder mais direitos (“[...] fazendo com que a ‘luta’ não seja mais pela ampliação de direitos [...]” — “preservar direitos é lutar”) e para “derrubar” tal texto (“Se esta parte do texto não for

derrubada e seguir assim para o plenário da Câmara e do Senado [...]” — VETAR A EMENDA É DERRUBAR A EMENDA), tem-se enfrentado a força de legisladores e “odiadores de mulheres” em nome da política e da religião, ambas em confluência para persistir em uma pauta moralizante. Essa força é medida pela escolha semântica dos vocábulos, como se percebe no quadro abaixo:

Quadro 2 - Levantamento de termos e expressões que sugerem força da violência

Termo (# menções)	Alguns exemplos
control* (3)	<p>“A política e o ‘controle’ do corpo das mulheres são intimamente ligados e têm uma história longa.”</p> <p>“Nenhum outro ser humano foi mais afetado pelo ‘controle’ dos corpos do que as mulheres negras [...]”</p> <p>“Como os velhos senhores, eles continuam querendo ‘controlar’ os corpos do que consideram propriedade sua para gozar com seu sofrimento e seu jugo.”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>
afogad* (1)	<p>“[...] vivem o cotidiano cada vez mais ‘afogado’ de um trabalhador e de uma trabalhadora no país.”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>
enfi* (2)	<p>“Mas ‘enfiaram’ no texto original do projeto o que tem sido chamado de ‘Cavalo de Troia’.”</p> <p>“[...] ‘enfiaram’ no texto algo que não tinha nada a ver com o tema: [...]”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO E POLÍTICA</p>
conden* (3)	<p>“[...] obrigam todas as mulheres nesta condição a levar adiante uma gestação ‘condenada’.”</p> <p>“[...] em levar até o fim uma gestação ‘condenada’ à morte já têm esse direito.”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>
viol* (6) arrebent* (2)	<p>“Para estes homens, tanto uma menina quanto uma mulher adulta podem ser ‘violadas’ dentro ou fora de casa, podem ser ‘arrebentadas’ física e mentalmente por um estupro, podem ter o corpo e a alma despedaçados e, se engravidarem desta ‘violência’ [...]”</p> <p>“Para estes homens não bastou a mulher, criança ou adulta, ser ‘violentada’, com marcas psíquicas e às vezes também físicas que carregará para o resto de sua vida. Não. Para eles a mulher deve também ser punida, ao ser obrigada a levar adiante a gravidez de um estuprador.”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>
ferr* (1)	<p>“Porque além de ‘ferrar’ as mulheres (e os homens sérios), ainda tratam o conjunto da população brasileira como idiota ao berrar que o fazem em nome da ‘vida’.”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>

Fonte: As autoras.

É possível encontrar duas analogias relativas ao Congresso brasileiro no texto de Eliane Brum: a mesa de bar e o estádio de futebol. Na cultura brasileira, esses elementos são comumente ligados ao universo masculino, mesmo que hoje a presença de mulheres nesses espaços já seja frequente — não sem ainda causar estranhamentos e, por vezes, gerar disputas de poder por meio de constrangimentos às que ousam adentrar esses espaços. A autora relaciona o Congresso à mesa de bar, na qual os homens se encontram para falar sobre as suas “façanhas” com as mulheres. Ela traz a imagem da mesa do bar devido ao fato de os 18 deputados terem aprovado a emenda no Congresso e terem comemorado tal feito com risadas e palmas, o que ela afirma ser mais um exemplo de poder do homem sobre a mulher. Depois, ela compara o mesmo Congresso a um estádio de futebol, local onde, geralmente, os homens se encontram, comemoram, gritam e aplaudem. Essa segunda imagem também está ligada

à comemoração dos 18 deputados pela aprovação da emenda e auxilia a consolidar a construção da categoria metafórica que transita pelo texto todo, que é a dos jogos de poder.

Ambas as analogias trazidas pela autora têm relação com a cultura brasileira, um dos elementos-chave da noção de experiencialismo para a Linguística Cognitiva. A questão da cultura, como já mencionado, está diretamente na base para a construção das metáforas conceituais, visto que a maneira como as metáforas são elaboradas e formuladas está intrinsecamente relacionada ao sistema conceitual, incluindo toda a sua herança cultural, baseada nas experiências vividas (SIQUEIRA *et al.*, 2009). Dessa forma, percebe-se como essas analogias estão ligadas à construção da metáfora dos jogos.

Com o domínio conceitual dos jogos de poder em mente, podemos analisar de perto as categorias levantadas pela própria autora como relacionadas de forma interseccional. A primeira categoria elencada é a da política. Em vários momentos do texto, a autora relaciona os jogos de poder de gênero a questões políticas, abordando tópicos como as leis, os integrantes do Congresso, o impacto das decisões tomadas, os impactados, por exemplo.

sacanagem (8)	<p>“[...] porque tinham sido malandros o suficiente para fazer uma ‘sacanagem’ com as mulheres.” “[...] hoje o Congresso é o melhor lugar para um homem fazer ‘sacanagem’ com as mulheres.” JOGO DE PODER, GÊNERO E POLÍTICA</p>
malandragem (3)	<p>“Percebam bem a dupla ‘malandragem’ [...]” “[...] como claramente a inclusão é uma ‘malandragem’, porque nada tem a ver com o tema do projeto [...]” “A ‘malandragem’ política foi incluir a inviolabilidade da vida ‘desde a concepção’ [...]” JOGO DE PODER, GÊNERO E POLÍTICA</p>
congresso (10)	<p>“Como o ‘Congresso’ brasileiro se tornou o melhor lugar para homens que odeiam as mulheres, especialmente as negras [...]” “O habitual seria que estivessem numa mesa de bar, narrando com riqueza de detalhes alguma ‘façanha’ sexual que envolvesse algum tipo de humilhação de mulheres, mas no Brasil atual é possível fazer isso no ‘Congresso’.” “Não só é possível, como hoje o ‘Congresso’ é o melhor lugar para um homem fazer sacanagem com as mulheres.” JOGO DE PODER, GÊNERO E POLÍTICA</p>
conden* (3)	<p>“[...] obrigam todas as mulheres nesta condição a levar adiante uma gestação ‘condenada’.” “[...] em levar até o fim uma gestação ‘condenada’ à morte já têm esse direito.” JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>
o[ó]di* (6)	<p>“Mas o alerta que me parece importante fazer é que estes ‘odiadores’ de mulheres [...]” “[...] os brasileiros sejam mais responsáveis pelo seu voto e deem aos ‘odiadores’ de mulheres o destino que merecem.” “Foi um prenúncio do que hoje o Brasil testemunha com a ação das milícias de ‘ódio’ e seus ataques contra a arte, [...]” “[...] que agiram para bloquear os ataques e barrar o ‘ódio’.” JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>
moeda eleitoral (2)	<p>“[...] o corpo das mulheres virou ‘moeda eleitoral’ nas eleições presidenciais de 2010.” “Me parece que o momento em que o corpo das mulheres virou ‘moeda eleitoral’ no Brasil tem seu impacto na história recente minimizado, até porque a maioria dos analistas é composta por homens.” JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>

salv* (2)	<p>“Isso faria com que a legislação brasileira retrocedesse em quase um século: o Código Penal de 1940 já permitia o aborto em caso de estupro e para ‘salvar’ a vida da mulher.”</p> <p>“Só a resistência pode ‘salvar’ o Brasil de si mesmo.”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>
-----------	--

afogad* (1)	<p>“[...] vivem o cotidiano cada vez mais ‘afogado’ de um trabalhador e de uma trabalhadora no país.”</p> <p>JOGOS DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA</p>
-------------	---

A segunda categoria emergente é a da religião, que está em confluência com a categoria da política. O título do texto, “Os 18 vendilhões”, apresenta uma analogia à história bíblica conhecida como “limpeza do templo”, quando Jesus expulsou cambistas do Templo de Jerusalém, por eles estarem exercendo suas atividades comerciais em um local sagrado, acusando-os de transformar a casa de seu Pai em uma casa de negócios (para maiores detalhes, ver passagem bíblica em João 2:15-16). De acordo com o **Dicionário de Português *On-line* Léxico**, a palavra “vendilhão” significa “designação de indivíduo que comercializa produtos na rua sem possuir um local fixo; também denominado vendedor ambulante; do mesmo significado de bufarinheiro”⁹; para o dicionário **Aulete *on-line***, trata-se de “pessoa que vende nas praças, feiras e mercados. [...] ‘Traficante notório de coisas de ordem moral’”¹⁰ (aspas simples nossas); ainda, no **Dicionário *On-line* de Português**, um vendilhão é um “indivíduo que mercadeja publicamente coisas de ordem moral”¹¹ ou, de acordo com o **Dicionário *informal***, é um “grupo de pessoas ou associação de classe que proporciona uma reunião que deveria ser aberta, ‘e na obscuridade se vendem, em prol de seus pares, ou a favor de uma minoria’”¹² (aspas simples nossas). Como já mencionado, a PEC 181/2015 foi aprovada por 18 deputados homens, tendo somente um voto contra, o de uma mulher. Ao utilizar tal título, a autora do artigo relaciona essas informações aos 18 deputados e à sua posição quanto à PEC. Para a autora, a “sacanagem” feita em nome de um deus serve apenas para prejudicar as mulheres:

aura (2)	<p>“E buscam travestir seus interesses em ganhos privados com a ‘aura’ de uma ‘guerra santa’ — ou de uma ‘guerra moral’.”</p> <p>“Mas, ao se ligarem à religião, se revestem de uma ‘aura’ que os legitima num Brasil de população massivamente religiosa.”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA E RELIGIÃO</p>
----------	---

vendilhões (2)	<p>“Neste sentido, é surpreendente que denominações religiosas e fiéis que têm testemunhado a religião ser usurpada e tanta sacanagem ser feita em nome de Deus não tenham uma resposta mais forte e mais responsável diante desses ‘vendilhões’.”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA / RELIGIÃO</p>
----------------	--

Por último, a categoria de raça também constitui um elemento desses jogos de poder, pois está imbricada tanto à categoria da política quanto à de gênero, como é possível observar nos exemplos extraídos nos quadros a seguir.

botar * mão violenta (1)	<p>“É também um jeito de continuarem a ‘botar uma mão violenta’ sobre o corpo delas, uma prática em vigor no Brasil desde a escravidão.”</p> <p>JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA, RAÇA</p>
--------------------------	---

9 Fonte: <https://www.lexico.pt/vendilhao/>.

10 Fonte: <http://www.aulete.com.br/vendilh%C3%A3o>.

11 Fonte: <https://www.dicio.com.br/vendilhao/>.

12 Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/vendilh%C3%B5es/>.

pobreza (1)	“Este não é um dado qualquer, já que no Brasil a ‘pobreza’ tem cor.” JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA, RAÇA
racista (1)	“O que os 18 fizeram não se constitui apenas numa tremenda sacanagem com as mulheres, mas é também uma ação ‘racista’.” JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA, RAÇA

control* (3)	“A política e o ‘controle’ do corpo das mulheres são intimamente ligados e têm uma história longa.” “Nenhum outro ser humano foi mais afetado pelo ‘controle’ dos corpos do que as mulheres negras [...]” “Como os velhos senhores, eles continuam querendo ‘controlar’ os corpos do que consideram propriedade sua para gozar com seu sofrimento e seu jugo.” JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA, RAÇA
--------------	---

senhor* (2)	“Nenhum outro ser humano foi mais afetado pelo controle dos corpos do que as mulheres negras, que por séculos foram reprodutoras de força de trabalho, foram ‘mães de leite’ de sinhozinhos, foram estupradas e torturadas continuamente por ‘senhores’ e seus filhos e foram exploradas também por mulheres brancas a quem eram colocadas a serviço.” “Como os velhos ‘senhores’, eles continuam querendo controlar os corpos do que consideram propriedade sua para gozar com seu sofrimento e seu jugo.” JOGO DE PODER, GÊNERO, POLÍTICA, RAÇA
-------------	---

A intersecção entre raça e gênero (e, por vezes, classe), alinhadas ao âmbito do fazer político no Brasil, categoria hegemônica e culturalmente masculina e branca, é marcada pelos traços lexicais associados a metáforas que indicam controle, jogos de poder e violência em relação ao gênero feminino. A emergência dessas metáforas parece refletir um modelo cultural compartilhado, em que essa supremacia masculina ainda impera e está incorporada no pensamento e no agir dos sujeitos que constituem o Congresso Nacional: são, em sua maioria, homens que querem cercear o direito de escolha das mulheres, justamente porque acreditam ter poder de decisão sobre esses corpos. Em um país em que o esquema cultural prevalente ainda padece de tamanhas desigualdades, bastam argumentos falaciosos — baseados em religião, no conceito antiquado de família ou na suposta defesa da vida (do feto, e não de quem o gesta) — de quem nada entende de corpos femininos e de reprodução para julgar, deliberar e ainda fazer chacota.

Considerações finais

Em “Os 18 vendilhões”, Eliane Brum traça uma analogia dos diversos jogos de poder que envolvem o fato de um direito e a dignidade da mulher estarem ameaçados por uma lógica dicotômica, machista e patriarcal. Percebe-se que a desejada afirmação do poder masculino é entendida, por aqueles que legislam, como uma luta do eles contra elas, como se estivesse posta uma disputa em que há dois lados: não por acaso a autora aponta as discussões como se ocorressem em uma mesa de bar ou em um campeonato de futebol, territórios de disputa popularmente conhecidos como masculinos.

Fica evidente, pela escolha lexical e, conseqüentemente, pela emergência das metáforas conceituais, que há um jogo de poder e de força, em que se deseja suprimir ao máximo o direito das mulheres de decidirem sobre os próprios corpos. Sobre essa questão, reportamo-nos à reflexão de Tiburi, que vai ao encontro do texto de Eliane Brum:

Não há nada mais absurdo para o patriarcado do que o direito ao corpo. Assim como é importantíssimo que as mulheres sejam donas da própria sexualidade e do todo do seu corpo, elas devem ser donas do seu corpo reprodutivo. As mulheres precisam reivindicá-lo,

porque o corpo feminino, assim como o corpo marcado como negro e o corpo usado — como o do operário —, precisa ser devolvido a si mesmo. (TIBURI, 2018, p. 37).

É clara a intenção de Eliane Brum de enfatizar a violência simbólica por meio da palavra. Um domínio abstrato como esse é trazido à tona por meio de elementos mais concretos, como é possível perceber pelas escolhas lexicais da autora, que remetem ao âmbito da violência física e sexual, e também pelas analogias utilizadas, comparando o Congresso a uma mesa de bar ou a um estádio de futebol. Tais escolhas lexicais não são ingênuas e demonstram que há consciência sobre como essa articulação deve ser feita, de modo a construir um fio condutor quanto a essa noção dos jogos de poder e das três subcategorias elencadas.

A respeito das categorias de política, gênero e raça, é relevante reafirmar a ideia de interseccionalidade, tão cara a um feminismo que se propõe a lutar não só pela igualdade de gênero, mas de raça e de classe.¹³ Segundo dados do Observatório de Gênero,¹⁴ o Brasil é um dos países com maior disparidade salarial entre homens e mulheres: uma mulher ganha até 30% menos que um homem com a mesma idade, mesmo grau de instrução e mesmo cargo. Quando se acrescenta a variável raça, os dados são ainda mais alarmantes: o salário de um homem negro pode ser até 50% inferior ao de um homem branco. No caso das mulheres negras, o cenário é ainda pior: o salário de uma mulher negra pode chegar a ser 70% inferior ao de um homem branco, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).¹⁵ Trata-se, portanto, de uma população em clara situação de vulnerabilidade social: por ser mulher, por ser negra, por ser pobre. Trata-se de uma situação na qual, conforme a própria Eliane Brum destaca em seu texto, a retirada de direitos consiste em mais uma violência contra essas mulheres já tão expostas por sua própria condição.

No que se refere às categorias política e religião, é destacada a ascensão de uma bancada dita evangélica, que se utiliza, em seu discurso, da dicotomia religiosa bem *versus* mal como forma de manipulação. Esse discurso, que supostamente exalta a vida ao pretender a proteção e a dignidade desde a concepção, oculta em si múltiplas formas de violência contra a mulher, que perderia o direito ao seu próprio corpo. Além disso, ao utilizar a dicotomia bem *versus* mal, cria-se uma outra, na qual as vítimas assumem o lugar de vilãs da história: nós (os bons, os defensores da vida) contra elas (as assassinas de bebês indefesos, defensoras do aborto), numa lógica perversa de culpabilização da vítima.

13 Para aprofundamento da noção de interseccionalidade, ver: Kimberle Crenshaw, “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”, University of Chicago Legal Forum: v. 1989: Iss. 1, Article 8.

14 Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

15 Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

Referências

- BERBER SARDINHA, T. Análise de metáfora em corpora. **Ilha do Desterro**: a journal of English language, literatures in English and cultural studies, Florianópolis, n. 52, p. 67-199, jan./jun. 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 2.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- CRENSHAW, K. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2018.
- GIBBS, R. Metaphor and thought: the state of the art. In: GIBBS, R. (Ed.). **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 3-16.
- GIBBS, R. **The poetics of mind**: figurative thought, language, and understanding. Cambridge and New York: CUP, 1994.
- IPEA. Brasil. **Retrato das desigualdades**. Gênero e raça. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>>. Acesso: 22 fev. 2018.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. Oxford and New York: Oxford University Press, 2002.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture**: universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251,
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago: Chicago University Press, 1989.
- LARA, Bruna de e outros. **#Meuamigo secreto**: feminismo além das redes. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 10, p. 23-26, 2005.
- SIQUEIRA, M. S. G. e outros. Metaphor identification in a terminological dictionary. **Ibérica**, Madrid, v. 17, p. 157-174, 2009.
- SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Cultrix, 2017.
- STEEN, G.; GIBBS, R. Introduction. In: GIBBS, R.; STEEN, G. (Ed.). **Metaphor in cognitive linguistics**. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 1-8.
- TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.